

História submersa

texto e fotos / text and photos **Artur Ferreira**



Os portugueses construíram em Sofala a sua primeira fortificação no Oceano Índico alguns anos antes de edificarem em Moçambique (Ilha) o importante Forte de São Sebastião. A construção daquela fortaleza, que recebeu o nome de São Caetano, iniciou-se em Setembro de 1505 sendo Pêro de Anaia o primeiro Capitão-General de Sofala.

No entanto Sofala já era conhecida há muitos séculos. Al-Masudi descrevia no Séc. X a importância da mineração e do comércio entre árabes e indianos que ali se tinham estabelecido. No Séc. XIV e na primeira metade do Séc. XV, Sofala foi controlada pelo Sultão de Quíloa até ser integrada no reino de Monomatapa.

Sofala situava-se no litoral, a sul do Rio Búzi. Os vestígios da

fortaleza podem ser observados, com a maré baixa, a 180 km da cidade da Beira, atravessando de batelão o rio Búzi. Sofala perdeu o seu poderio comercial quando os portugueses, no final do Séc. XIX, e fugindo da erosão, se dirigiram mais para norte levando ao surgimento da Beira.

FORTE DE SÃO CAETANO

As minas de ouro atraíram os portugueses mal dobraram o Cabo que chamaram da Boa Esperança, sendo Pêro da Covilhã o primeiro europeu a visitar Sofala em 1489. A conquista da cidade deu-se em 1505, por Pêro de Anaia, que assim criaria a primeira colónia portuguesa naquela região.

O Forte de São Caetano de Sofala teve a sua primeira fase

limitada a uma paliçada de madeira e a um fosso construído à sua volta. A convivência com o povo local era pacífica e as obras de edificação definitivas processaram-se em tranquilidade segundo a traça trazida de Lisboa por Pêro de Anaia que, na sua nau, transportara cantarias lavradas destinadas ao Portão de Armas, e também portas e janelas. Depois da sua morte, pouco mais de um ano após a sua chegada, foi designado Capitão o feitor Manuel Fernandes que seria o responsável por uma construção mais sólida, em alvenaria de pedra e cal transportadas em naus provenientes de Quíloa.

Hoje nada resta das casas que foram sendo construídas, quer para a guarnição quer para os comerciantes portugueses,

também eles despertados pelo ouro de Monomatapa que era transaccionado em Sofala, e, mais a norte em Quíloa e Mombaça, por muçulmanos que o captavam para trocar com algodão de Cambaia e peças vindas de Guzarate e do Mar Vermelho trazidas por outros muçulmanos de Ormuz e de Aden.

Do Forte de São Caetano de Sofala ainda se conseguem vislumbrar alguns muros e parte da Torre de Menagem erguida por Manuel Fernandes. Para essa visão fantasmagórica é preciso esperar pela maré baixa e percorrer mais de mil metros na areia para, a uma distância de outros mil, observar, de dentro do mar, as ruínas que a erosão continua a desgastar.

Frei João dos Santos, um cronis-



foto cortesia / photo courtesy Vasco Galante



ta do final do Séc. XVI, descreveu em pormenor como era aquela fortaleza. “É a fortaleza de Sofala quadrada e cercada de muro de vinte e cinco palmos de altura. Tem quatro baluartes redondos nos quatro cantos, guarnecidos de artilharia grossa e miúda. Em uma quadra da banda do mar, tem uma larga e formosa torre de dois sobrados e, ao pé dela, uma sala formosíssima, as quais casas são aposentos do capitão da fortaleza. Nos baixos desta sala tem o capitão suas despensas, e no vão da torre, do chão até ao primeiro sobrado, uma mui formosa cisterna de água da chuva de que bebe ordinariamente a mais gente de Sofala, por ser melhor que a dos poços, e não bebem do rio porque ali é toda sua água muito salgada. Dentro desta fortaleza está a

igreja matriz, que é a freguesia de toda a gente da terra”.

Apesar da importância do comércio de Sofala se ter diluído, o Forte de São Caetano serviu como reduto face à ameaça holandesa aos mares de Moçambique no início do Séc. XVII. Mas a erosão marítima foi degradando aquela fortificação. Relatos do princípio do Séc. XIX dão conta do desaparecimento quase total dos muros, da igreja e de um dos baluartes. Pedras oriundas do Forte, segundo alguns autores, serviram para a edificação da Catedral da Beira e da Fortaleza de Maputo. Junto à praia do Aldeamento Turístico de Sofala Nova existem ruínas de uma casa, edificada nos anos 50 do século passado, que aparentemente também aproveitou pedras do Forte. ■

Camões viveu em Sofala!

Por cortesia do advogado Augusto Macedo Pinto, residente na Beira, e que foi cônsul de Moçambique em Portugal, recebemos curioso extracto da publicação “Camões e a Busca dos Trunfos Perdidos”, de Eduardo Ribeiro, que nos revela ter Luís de Camões vivido em Sofala:

“...ou seja, Pero Barreto Rolim não foi só quem proveu o Poeta a mando de D. Francisco Coutinho em 1562, foi mais, muito mais. Foi grande amigo dele e, como tal, foi mais tarde, por suas mãos (na sua nau), que Camões sai de Cochim e faz a viagem até Moçambique, onde Barreto foi ocupar o posto de capitão-mor de Sofala (capitania de Sofala e Moçambique -1567-1569), para o qual lhe havia sido passada em Lisboa carta de concessão de 4 de Setembro de 1563, cargo que exerceu a partir de fins de 67 (ou inícios de 68) até 1569, ano em que, em Novembro, parte na “Santa Clara” para o Reino, com o Poeta, Diogo do Couto e outros.

Ou seja, estas ligações entre o capitão-mor e o Poeta vêm reforçar o argumento de que foi ele quem proveu o Poeta no cargo de provedor, um lugar que era ocupado por indivíduos sem relevo social e, por vezes, até mesmo de baixo nível moral. Camões deve o emprego a D. Francisco Coutinho, por vontade deste de afrontar o rival D. Francisco Noronha, e a Pero Barreto Rolim, por ser seu amigo. É certo que seria difícil a Barreto desacatar a ordem do Vice-rei, mas, a este, mais fácil era dar a ordem sabendo que laços de amizade uniam o capitão-mor e o Poeta”.



Monomotapa

Grande Zimbabwe, Mwene Mutapa, Manhumutapa, Mutapa, são tudo nomes do mítico império da África austral que temos vindo a designar como Monomatapa, certamente o mais utilizado.

Os imperadores de Monomatapa conseguiram manter a unidade do seu território que se estendia das terras do actual Zimbabwe até à costa de Sofala integrada em Moçambique. A sua capital foi a cidade de Grande Zimbabwe.

Este importante império da Idade Moderna foi fundado pelos Gokomere, ancestrais dos actuais Chonas e deveu o seu apogeu ao comércio de ouro que trocavam por tecidos e porcelanas, com persas, guzarates e indianos.

O império começou a desmoronar-se com as lutas internas e quando o ouro se esgotou. O comércio da região passou a ser o tráfico dos escravos, funcionando como entreposto os estados árabes de Zanzibar e Quíloa que os negociavam com a Arábia, Pérsia e Índia.

Chegados a Sofala em 1505 os portugueses intentaram impor a sua soberania a Monomatapa mas não passaram da costa. O império só seria conquistado pelos portugueses em 1629 e jamais se recuperaria. Dissidentes daquele Império Monomatapa conseguiram manter um reino de Mutapas em Moçambique que passou a ter o nome de Karanga. Os soberanos deste reino tiveram o nome Mambos e governaram até 1902.

Submerged history



foto / photo: The Hebrew University of Jerusalem



foto: cortesia / photo courtesy Vasco Galante

The Portuguese built their first fortification on the Indian Ocean in Sofala some years before building the important Fort of São Sebastião on the Island of Mozambique. The construction of the fortress, which was named São Caetano, began in September 1505 and Pêro de Anaia became the first Captain General of Sofala.

However, Sofala had already been known for many centuries. In the 10th century, Al-Masudi described the importance of the mining and trade between Arabs and Indians who had been established there. During the 14th and the first half of the 15th century, Sofala was under the rule of the Sultan of Kilwa until it became part of the Monomotapa kingdom.

Sofala was situated on the coast, south of the Buzi River. The remnants of the fortress can be seen at low tide, 180 km

from the city of Beira by crossing the Buzi River on a barge. Sofala lost its trade dominance when, towards the end of the 19th century, the Portuguese moved northwards fleeing from erosion, which led to the rise of Beira.

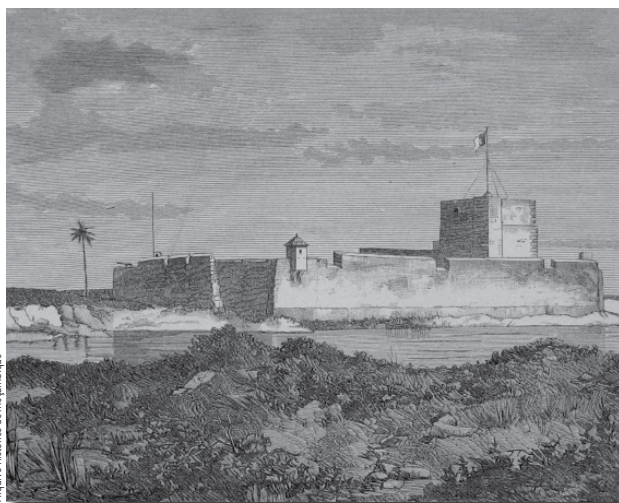
FORT OF SÃO CAETANO

The Portuguese, who had just sailed around the cape they named of Good Hope, felt allured by the gold mines. Pêro da Covilhã became the first European to visit Sofala in 1489. The city was conquered in 1505

by Pêro de Anaia, who thus created the first Portuguese colony in the region.

Initially, Sofala's Fort of São Caetano consisted only of a wooden palisade surrounded by a moat. Relations with the local population were peaceful and the final construction works progressed calmly in accordance with the plans brought from Lisbon by Pêro de Anaia, who had transported carved building blocks destined for the Gate of Arms, as well as doors and windows. Upon his death, a little more than one year after disembarking, administrator Manuel Fernandes was named Captain to be in charge of a more solid construction made of stone and lime transported on ships coming from Kilwa.

Nothing remains today of the houses that were built for the garrison and the Portuguese traders who were also drawn by the gold of Monomotapa



Arquivo Histórico de Moçambique



foto: cortesia / photo courtesy Vasco Galante

that was traded in Sofala, and more towards the North in Kilwa and Mombasa, by Muslims who used to exchange it for cotton from Cambay and goods from Gujarat and the Red Sea brought by other Muslims from Ormus and Aden.

It is still possible to catch a glimpse of some walls of Sofala's Fort of São Caetano and a part of the main tower built by Manuel Fernandes. For this phantasmagoric sight it is necessary to wait for the low tide and cross more than a thousand metres of sand in order to observe from inside the sea, at a distance of another thousand metres, the ruins which are still being worn away by erosion.

Friar João dos Santos, a 16th century chronicler, provided a detailed description. *"The fortress of Sofala is square-shaped and enclosed by a wall of twenty-five spans in height. It has four round bastions at the four corners, furnished with heavy and light artillery. In a square area on the edge of the sea, it has a large and beautiful tower two storeys high and next to it a very beautiful room, residence of the captain. In*

the basement of this room is the captain's larder and in the shaft of the tower, from the ground to the first floor, a very beautiful cistern from which the people of Sofala usually drink since it is better than the water from the wells, and they do not drink from the river because the water is very salty. Within this fortress is the mother church, which is the parish of all the people of the land".

Although Sofala's importance as a trading post diminished, the Fort of São Caetano served as a stronghold against the Dutch threat to the seas of Mozambique at the beginning of the 17th century. However, sea erosion gradually degraded the fortification. Reports from the beginning of the 19th century give an account of the almost total disappearance of the walls, the church and one of the bastions. According to some authors, Beira's Cathedral and Maputo's Fortress were built from the stones of São Caetano's Fort. Next to the beach of the Sofala Nova's tourist complex, there are ruins of a house built in the 1950s, which apparently also made use of the stones from the same Fort. ■

Camões lived in Sofala!

By courtesy of Augusto Macedo Pinto, a lawyer residing in Beira and a former Mozambican consul to Portugal, we got hold of an interesting excerpt from a publication entitled *"Camões e a Busca dos Trunfos Perdidos"* by Eduardo Ribeiro, which reveals that the Portuguese epic poet Luís de Camões actually once lived in Sofala:

"...that is, Pero Barreto Rolim was not only the one who had appointed him by order of D. Francisco Coutinho in 1562 - he was more, much more. He was his great friend and, as such, it was with him (and on his nau) that Camões left Kochi and travelled to Mozambique, where Barreto would become captain general of Sofala (Captaincy of Sofala and Mozambique - 1567-1569), for which he was officially appointed on September 4, 1563, a position he held from

the end of 1567 (or beginning of 1568) to 1569. In November of that year, he left for the Kingdom (of Portugal) aboard the "Santa Clara" together with the poet (Camões), Diogo do Couto and others.

Namely, these connections between the captain general and the poet enhance the argument that it was the captain general who appointed the poet to the post of purveyor, a position then occupied by individuals without social distinction and sometimes even by individuals of low moral standing. Camões owed his job to D. Francisco Coutinho, for his willingness to confront his rival D. Francisco Noronha, and also to Pero Barreto Rolim, who was his friend. Certainly it would have been difficult for Barreto to disobey the order of the Viceroy, while for the latter it was easier to issue the order knowing that the capitão-mor and the poet were united by ties of friendship".

Monomotapa

Great Zimbabwe, Mwene Mutapa, Manhumutapa, Mutapa, these are all names of the mythical empire of southern Africa which we have come to call Monomotapa, undoubtedly the most frequently used name.

The emperors of Monomotapa managed to preserve unity over a territory which stretched from the lands of present-day Zimbabwe to the coast of Sofala in Mozambique. Its capital city was Great Zimbabwe.

This important empire of the early modern period was founded by the Gokomere, ancestors of the present-day Shonas, and reached its zenith thanks to the gold that it traded for textiles and porcelain with Persians, the Gujarati and Indians. The empire began to crumble when it ran out of gold and due to internal strife.



The trafficking of slaves became the region's main trade while the Arab states of Zanzibar and Kilwa functioned as emporiums, trading with Arabia, Persia and India.

Arriving in Sofala in 1505, the Portuguese attempted to impose their dominion over Monomotapa, but could not get past the coast. The empire was only conquered by the Portuguese in 1629 and never recovered. Dissidents from the Monomotapa Empire managed to preserve a kingdom of the Mutapas in Mozambique, which came to be known as Karanga and whose kings were called Mambos and ruled until 1902.

Cidade fantasma

texto e fotos / text and photos Artur Ferreira

Num raio de entre 10 a 15 quilómetros, Sofala foi sendo deslocada ao sabor da erosão provocada pelos agressivos movimentos do mar. O seu nome manteve-se sempre à cabeça daquela região onde em 1505 se instalou Pero de Anaia, mesmo quando as suas gentes se viram obrigadas a mudar-se para a ilha de Chiloane, fugindo à erosão provocada pelo mar. Em 1946 foi designada uma nova localização para a velha Sofala que, havia muito, já era conhecida por Sofala Nova. O foral de vila tinha sido atribuído a Sofala por Carta Régia de 9 de Maio de 1761.

DESAPARECE SOFALA-NOVA

O que terá acontecido pela vila de Sofala Nova de 1946 que acabou com ela? Dir-se-ia mesmo, de um dia para o outro. Teria sido a erosão marítima que já fora responsável pelo “afundamento”

da Fortaleza de São Caetano? A guerra de libertação? A guerra civil?

“Nenhuma dessas hipóteses”, respondeu-me Joaquim Sousa Cruz, último administrador colonial do Búzi, do outro lado das ondas sonoras alcançando por telemóvel terras do norte lusitano. “O que acabou com aquela vila foi o reordenamento administrativo que em 1972 extinguiu a circunscrição de Sofala, ficando o posto administrativo então criado integrado na circunscrição do Búzi”, continuou, desfilando as suas memórias.

A vila de Sofala Nova foi, assim, perdendo importância. A pouca população deslocou-se para mais perto do Búzi, ficando na praia de Sofala alguns pescadores que, com muitas dificuldades, tentavam escoar o seu pescado. Uns quantos quilómetros mais a norte foi crescendo um bairro que, já

com o país independente, recebeu o nome de Manica (não se confunda com a importante urbe de Manica situada na província do mesmo nome que tem a capital em Chimoio) e se tornou sede do posto administrativo de Sofala.

E foi assim que a vila de Sofala Nova, com infra-estruturas modernas que compreendiam instalações administrativas, hospital, cadeia e correios, para citar só algumas, virou uma cidade fantasma. Os edifícios abandonados foram sendo depredados pelos passantes que carregaram telhados, portas e janelas. De pé ficou o cimento armado daquelas construções. Uma cidade fantasma, como fantasma virou o Acampamento Turístico nascido em 1959 na praia de Sofala, a seis quilómetros da vila.

Esse acampamento, sim, foi sendo desactivado e abandonado por efeitos da erosão.



Situado na baía de Sofala, dispunha de uma trintena de rondáveis, de um bar-restaurante e diversas instalações de apoio. Era explorado pela própria Administração de Sofala.

O mar, avançando e recuando, foi destruindo e ameaçando nas marés vivas. É desolador o aspecto daquele que chegou a ser considerado um pólo de desenvolvimento turístico da região. Em seu redor não há vitalma. Tal como no posto de Sofala Nova, não se enxerga ninguém. Nem um cabrito aparece. ■

Anteriores decadências

Numa das minhas visitas à Gorongosa, Vasco Galante, incansável responsável pela Comunicação Social, sabendo do meu interesse pela vila de Sofala, deu-me a ler “Apontamentos de um ex-Governador de Sofala”, de Alfredo Brandão Gró de Castro Ferreri, publicado em 1886. A decadência daquela que tinha sido uma importante praça de Monomatapa era flagrante nos seus escritos: “Não é decerto missão agradável o ter que desenrolar um lúgubre sudário de misérias e vergonhas, mas é conveniente que se saiba a crueza dos factos para que um dia, qualquer ministro das colónias, que antes queira obviar a este estado de coisas do que deixar-se embalar com as mentirosas mas lisonjeiras notícias do ultramar, possa dar-lhe pronto remédio”.

Para conhecer mais da história dos finais do Século XIX de Sofala / Sofala Nova, e a quem se deve o nome da província de que a Beira é capital, recorri a António Sopa que, curiosamente, foi contemporâneo de Joaquim Sousa Cruz no seu curso de História. António Sopa, prestável como sempre, deu-me a conhecer alguns textos. Numa publicação de Eduardo Costa, referindo a administração da Companhia de Moçambique de 1892 a 1900, pode ler-se sobre Sofala: “A velha e histórica feitoria dos primeiros tempos da conquista estava, então, reduzida à maior miséria e abandono. A mudança, projectada em 1891, do local da vila para Manhé-Mucuro não tinha sido levada a efeito, nem parecia que o novo sítio fosse vantajoso à mudança. Sofala

continuou a vegetar pelos anos posteriores, resultado dos seus territórios viverem sob a opressão e temor dos vátuas, que até 1896 dominaram efectivamente o país. Contudo, a pequena área, francamente subordinada à autoridade portuguesa, reconheceu e acolheu de boa sombra a autoridade da Companhia, pagando bem os impostos, sendo para lastimar que a comissão municipal de Chiloane, que recebia os réditos camarários de Sofala, nada fizesse pelos melhoramentos indispensáveis à povoação, apesar das reclamações do novo comandante da circunscrição. Em 1894 escolheu-se um novo local para nova sede, em Inhamunaze, próximo da antiga, mandando-se desde logo levantar a planta desta Nova Sofala, sendo declarados de 1.ª classe os terrenos designados

(com o foro de 5 réis por metro quadrado e 5\$000 réis de entrada por cada talhão). Mas só em 1896 se começou a construção da residência, destinada ao chefe e ao secretário. Neste mesmo ano lhe foi anexado o Búzi, de resto por pouco tempo, como já vimos. Não se conseguiu, contudo, vencer a inércia dos proprietários, mestiços e mouros, e ainda em 1898 o chefe, Sr. Fernando Lima, insistia na necessidade de mudar a vila para Inhamunaze, onde já se encontrava instalada a sede da circunscrição, reduzida à residência mandada levantar em 1896. A esse tempo, toda a população, liberta, desde a expedição de 1895, do jugo vátua, acatava o domínio português, crescendo-se com a gente que dali tinha acompanhado os vátuas em 1899”.



Ghost town

Within a radius of 10 to 15 kilometres, Sofala was gradually pushed by erosion caused by the aggressive movement of the sea. Its name always remained at the top in the region, where Pero de Anaia settled in 1505. This held true even when its people were forced to move to the Island of Chiloane, fleeing from the erosion. In 1946 a new location was designated for old Sofala which had for long become known as Sofala Nova. Officially, Sofala was established as a *vila* by Royal Charter of May 9, 1761.

SOFALA NOVA VANISHES

What exactly occurred in the *vila* of Nova Sofala in 1946 that caused its demise? One would even say that it happened overnight. Was it the sea erosion that had already caused the “sinking” of the Fortress of São Caetano? The war of liberation? Or the civil war?

“None of those hypotheses,” I was told by Joaquim Sousa Cruz, the last colonial administrator of

Búzi, speaking through sound waves coming in from the Lusitanian North by cellular phone. “What caused the demise of that *vila* was the administrative rearrangement, which in 1972 extinguished the district of Sofala. The administrative post that was then created formed part of the district of Búzi,” he continued, mustering his memories.

The *vila* of Sofala Nova thus gradually lost its significance. The few inhabitants moved closer to Búzi, while some fishermen remained on the beach of Sofala trying to sell their catch overcoming great difficulties. To the North, a new neighbourhood developed which, after the country gained independence, was named Manica (not to be confused with the important city of Manica in the province of the same name whose capital is in Chimoio) and became the seat of the administrative post of Sofala.

And it was thus that the *vila* of Sofala Nova, with modern

infrastructure that included administrative facilities, a hospital, jail and post office, to name just a few, turned into a ghost town. The abandoned buildings were pillaged over time by passers-by who removed their roofs, doors and windows. Only the reinforced concrete remained. A ghost town, like the now ghost Tourist Camping, born in 1959 next to the beach of Sofala, six kilometres from the *vila*. It became inoperative and was abandoned also due to erosion.

Situated next to the bay of Sofala, it boasted thirty rondavels, a bar-restaurant and various support facilities and was run by the Administration of Sofala itself.

The sea, advancing and retreating, went about destroying and threatening at spring tides. It is distressing to see the look of what was once considered to be a hub of the region’s tourism development. There is not a living soul in sight. Just like at the post of Sofala Nova, there is no one around. Not even a goat kid. ■

From past declines

In one of my visits to Gorongosa, Vasco Galante, the park’s tireless communications director, aware of my interest for the *vila* of Sofala, let me read Alfredo Brandão Gró de Castro Ferreri’s “*Apontamentos de um ex-Governador de Sofala*”, published in 1886. The decline of what had once been an important Monomatapa’ fort was glaring in his notes: “It is certainly not a pleasant task having to unfold a dismal shroud of misery and shame, but it is useful to make the cruel facts known so that, one day, some colonial minister would rather fight this state of affairs than let himself be lulled by the mendacious but gratifying news from overseas, and promptly will provide remedy”. In order to learn more about the history of late 19th century’s

Sofala / Sofala Nova, and to whom the province of which Beira is the capital owes its name, I turned to António Sopa who had, curiously enough, been a contemporary of Joaquim Sousa Cruz in his studies of history. António Sopa, helpful as always, provided me with some texts. In a publication by Eduardo Costa, referring to the *Companhia de Moçambique*’s administration from 1892 to 1900, we read the following about Sofala: “The old and historical trading post from the times of the first conquest was by that time reduced to the greatest misery and dereliction. The plan of 1891 to move the location of the *vila* to Manhê-Mucuro had not been carried out, nor did the new location seem advantageous for such a move. Sofala continued

to vegetate in the years that passed as a result of its territories living under the oppression and fear of the Vátuas, who effectively ruled the country until 1896. Yet, this small area, overtly under Portuguese authority, recognised and welcomed with open arms the *Companhia*’s authority, duly paying taxes. It is regrettable that the municipal committee of Chiloane, which used to get the proceeds from Sofala’s town-hall, did nothing for the much-needed progress of the settlement, except complain to the new commanding officer of the district. In 1894, a new location for the new headquarters was chosen in Inhamunaze, in the vicinity of the old one. Orders were immediately issued to plot out this Sofala Nova. The designated plots of land were proclaimed as being

first-class (with a rent of 5 réis per square metre and 5,000 réis up-front for each plot). However, the construction of the residence for the chief and the secretary only began in 1896. In this same year, Búzi was joined to it, for a short time though, as we have already seen. It was impossible, however, to overcome the inertia of the landowners, mestizos and the Moors. Still in 1898, the chief, Mr. Fernando Lima, insisted on the need to move the *vila* to Inhamunaze, where the seat of the district was already installed, reduced to the residence built by order in 1896. At that time, the entire population, having been liberated from the Vátua yoke by the expedition of 1895, accepted Portuguese rule, joined by the people who had accompanied the Vátuas in 1899”.